25-03-2022

RITMOS DA NATUREZA E A SOCIEDADE

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Um bloco de rocha se desprendeu, como?
Ele estava lá, parecia firme, mas se desprendeu.
Uma rocha se partiu, sem que nenhuma marreta
a tivesse acertado o cerne.
A física quântica será capaz de prever
o exato momento em que as vibrações do universo permitiram
a desagregação das partes de um resistente bloco de rocha?
Um rio, uma curva, um meandro abandonado.
Por que a curva é o depósito preferido de tudo que o rio carrega?
Entres as curvas formam-se meandros
e, após tanta escavação, se desprendem do curso do rio.
Nasce uma lagoa marginal, um novo ritmo,
nova oportunidade da natureza.
No futuro, breve, ninguém vai se lembrar das curvas dos rios
e dos seus depósitos não selecionados.
O mar suavemente tateia a costa,
com as areias dissolvidas em suas águas
arrancam outros grãos de areia presos às rochas.
Um ritmo de marés que sobe e desce,
movidas pela distante lua que nem luz própria tem.
São milhões de anos para uma falésia se formar,
ao sabor das marés, das luas, dos climas e da geologia.
As intervenções humanas aceleram os processos,
as cercas não serão capazes de segurar o mar!

As cercas tentam conter o avanço do mar no ponto mais oriental das Américas
– doce ilusão. Ponto Seixas, julho/2018 (arquivo pessoal)

As sibipirunas - *Caesalpinia pluviosa,*
que podem viver até cem anos
em seu habitat chuvoso da Mata Atlântica
padecem no Cerrado e em seu período de seca.
As damas de ouro, como são conhecidas, interrompem, precocemente,
seu ciclo de vida nestas bandas.
O Cerrado tem o seu tempo
e adaptar-se ao mesmo exige muitas transformações.
Uma gota, duas, três, milhares de gotas encontram
em cada folha de uma árvore um pequeno reservatório de água.
Ao seu tempo, como em um processo de sifonagem,
as folhas liberam a água armazenada para novamente se encher.
A queda não será livre, encontrará outras folhas ou galhos
para percorrer um "lento" caminho ao solo.
As sobras ficam à disposição de pássaros, insetos e outros bichos.
Permitem uma mudança na reflexão dos raios solares.
Menos árvores, menos reservatórios de chuvas e mais enchentes....
uma gota, uma folha, um ritmo...
Árvores, folhas, gotas....
Algumas espécies preferem abrir mão de suas folhas – (semi) caducifólias...
Para que manter folhas se não existem gotas de chuva para segurar?
Ledo engano, elas não apenas seguram água da chuva....
a ausência das folhas é garantia de água no solo.
Mas basta a primeira chuva para a paisagem seca/espinhenta se transformar –
o verde aparece, um novo passo nessa natureza dançante é dado....
vêm as folhas/as gotas e os reservatórios,
é tempo de segurar a água da atmosfera.
Um dia, uma floresta, um campo Cerrado.
Em outro dia, árvores estão derrubadas e queimadas,
a roça de toco se instala.
O tempo passa e o solo desgastado oferta lugar ao pasto,
a boiada vai entrando e o camponês vai saindo... ritmos das transformações.
Agora sai o pasto e entram as *commodities* –
rompem-se as cercas e impõe-se o discurso – o agro é pop/sertanejo....
O Camponês é agora um ser suburbano....
Suavemente um casal de pequenos pássaros voa da árvore ao solo
– a busca é por barro e matéria orgânica.
A construção, dizem, pode demorar de uma semana a um mês,
depende das chuvas e por consequência do barro disponível.
O João de Barro usa cerca de 0,3% do tempo de vida
para construir uma casa....
Os trabalhadores brasileiros passam a vida inteira
tentando construir suas casas, alguns não conseguem...
Seria a "ausência de visão de futuro"
como disse o inominável genocida presidente...?
O barro da casa de João é o mesmo
que cobre o sonho das famílias em áreas de risco.
Pobres, quando morrem soterrados pela lama
ou têm suas casas inundadas são culpabilizados
pela "ausência de visão de futuro".
O Estado brasileiro, portanto, lava suas mãos
em relação ao direito de morar.
Outros pobres assistem suas casas serem demolidas,
a ocupação é irregular.
São poucos os brasileiros privilegiados que têm auxílio moradia...
Acho que se o João de Barro falasse português
– mandaria o mandatário à merda!
A pressa!? Para quê ter pressa em atender o insaciável patrão?
O capitalismo, como máquina de trituração da vida, tem pressa.
Quanto mais pressa, menos tempo para pensar, a pressa faz brochar a vida.
As retas servem à pressa, a "linha curva livre e sensual,
a curva que encontro no curso sinuoso dos nossos rios,
nas nuvens do céu, no corpo da mulher preferida"
é que atrai o Niemeyer e a mim...
Mas devemos ter pressa em nos indignar contra a destruição da vida;
contra todas as formas de racismo,
a retirada de direitos, a desigualdade e exclusão social...
As tramas do Capital tentam subordinar
os ritmos da sociedade e da natureza.
Busquemos um novo equilíbrio – suavemente curvo – de nosso planeta.

▪▪▪

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*